



Memórias do Canavial: a tradução de intelectuais negras da diáspora e seus diálogos com o Brasil

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*
Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244p.

Jess Oliveira*
Samira Soares**

Mulheres negras têm sido, portanto, colocadas dentro de diversos discursos que mal interpretam nossa própria realidade: um debate sobre racismo no qual o *sujeito* é o homem *negro*; um discurso genderizado no qual o *sujeito* é a mulher *branca*; e um discurso de classe no qual “raça” não tem nem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico dentro da teoria. (KILOMBA, 2019, p. 97).

O livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2008; 2019) é resultado da tese de doutoramento em filosofia da artista e intelectual interdisciplinar Grada Kilomba. Nascida em Lisboa, a autora vive em Berlim desde a época de seu doutorado, e toda sua obra (livros, palestras, vídeos, performances, etc) é marcada pela rememoração de suas raízes ancestrais de São Tomé e Príncipe e Angola, bem como pela discussão crítica dos efeitos do racismo e sexismo estruturais no que tange as colonialidades forjadas pelo Ocidente.

Memórias da Plantação foi lançado em inglês no Festival Internacional de Literatura em Berlim em 2008. A edição brasileira lançada em

* Doutoranda em Literatura e Cultura pela UFBA. Mestra em Estudos da Tradução pela UFSC, bacharela em Letras – Alemão e Português – pela USP e tradutora do livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba, dentre outros textos da diáspora africana. Integrante do Grupo de Pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro, da UFBA. Bolsista de doutorado da CAPES. E-mail: bugorel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7326-2437>.

** Mestranda em Literatura e Cultura pela UFBA, bacharela em Humanidades pela UFBA. Integrante do grupo de pesquisa Corpus Dissidente, da UFBA. E-mail: samirasoes.iam@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5828-4710>.

2019 na Festa Literária Internacional de Paraty ganhou uma carta da autora, onde Kilomba relembra o longo processo de escrita do livro, perpassando sua formação política e acadêmica. Ela destaca como vivenciou em Lisboa o isolamento de ter sido a única estudante negra no departamento de psicologia clínica e psicanálise, salientando a ausência de literatura representativas em seu curso, fato que a fez posteriormente buscar intelectuais negras e negros que discutem suas experiências produzindo conhecimento.

bell hooks em *Intelectuais negras* (1995) discorre sobre o quanto nós mulheres negras lutamos para fortalecer o nosso comprometimento com o trabalho intelectual como ferramenta política. No relato inicial de Grada Kilomba, o isolamento provocado pela falta de acesso a outras pessoas negras na área da Psicologia a condicionou a um isolamento na comunidade acadêmica. A academia, assim como outros espaços de poder e de conhecimento são (detentores de) uma estrutura que nos aliena em um pensamento colonizado e colonizante e que nos descreve a partir de uma perspectiva que nos coloca como objetos de estudo.

As análises de hooks (1992; 1995) são fundamentais para o argumento de Kilomba e para compreendermos o nosso papel enquanto intelectuais negras em espaços majoritariamente brancos, sobretudo quando levantamos questionamentos acerca dessas estruturas de poder a partir de nossos conhecimentos e experiências, que acabam por colocar em cheque experiências brancas, heterossexuais e cisgêneras, comumente associadas ao conhecimento universal. Para hooks (1995, p.474) “muitas vezes, temos de ser capazes de afirmar que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que [o mesmo] não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas. Afirmando no isolamento que o trabalho que fazemos pode ter impacto significativo numa estrutura coletiva”

A autora de *Memórias da Plantação*, ao relatar suas experiências de racismo e sexismo cotidianos dentro de espaços acadêmicos e culturais, bem como o isolamento que vivenciou estabelece uma conexão com diversas subjetividades que passam por situações semelhantes. O fato de seu livro ser hoje acessível para milhares de pessoas em diversas partes do mundo atualizam as palavras de bell hooks (1995), provando que o trabalho de mulheres negras de fato tem impactos significativos e coletivos.

Kilomba relata como era comum ser confundida com a *senhora da limpeza* (p. 11), ou vivenciar a recusa dos pacientes em serem atendidas por uma mulher negra. Ainda hoje no Brasil, atravessado pelo “mito da democracia racial” forjado pelo romantismo da colonização portuguesa no séc. XVI, não é raro mulheres negras em espaços historicamente brancos serem “confundidas” com funcionárias da limpeza.

Em *A cor da faxina no Brasil* (2017), Vilma Piedade relata o caso exposto nas redes sociais da historiadora Luana Tolentino, ao ter sido abordada por “uma legítima representante da branquitude” que perguntou se Luana era faxineira. A historiadora respondeu que era professora e fazia

mestrado contrariando as expectativas da branquitude. Para Piedade, a situação de interrogatório “sinaliza que o racismo avança a todo vapor”, sobretudo porque transparece que ainda existe um imaginário social que condiciona a população negra à marginalidade. Assim, o fato de Tolentino, Kilomba e nós que escrevemos esta resenha sermos todas mulheres negras nos aproximaria automaticamente do trabalho da limpeza, e por isso, seríamos menos “intelectuais”. Para Kilomba esta é uma das manifestações do racismo genderizado. Através das análises de situações vividas na própria pele e por outras mulheres negras, Kilomba escrutina fenomenologicamente o racismo e o sexismo cotidianos.

É fundamental compreender como as experiências da autora e de suas entrevistadas formam o arcabouço teórico da obra. Por esta via, pode-se demonstrar como sua intelectualidade racializada e genderizada é a base para as análises críticas que desenvolve ao longo do livro, começando por um episódio pessoal em Lisboa e partindo para as análises de episódios de racismo cotidiano experienciados por mulheres negras alemãs e uma irmã estadunidense.

Estruturalmente, o livro apresenta capítulos muito sólidos e independentes, que podem ser lidos separadamente sem prejuízo ao entendimento. Ao mesmo tempo, a introdução e os 3 capítulos iniciais oferecem uma base histórica e teórica que prepara e complementa a leitura dos capítulos seguintes, nos quais a autora demonstra de diferentes ângulos ou âmbitos como o racismo e o sexismo operam de maneiras aparentemente sutis, mas nefastamente na vida de mulheres negras entrevistadas por Kilomba, seja através de comentários “inocentes”, piadas, pequenos interrogatórios, restrições a certos espaços, dilatação de processos burocráticos, comparações “inofensivas”, elogios exagerados, representações coloniais, etc. A autora demonstra como simples encontros com pessoas brancas escancaram suas ideias coloniais sobre pessoas negras.

Na introdução intitulada “Tornando-se *Sujeito*” a autora critica o método ocidental de produção de conhecimento, que supostamente “neutraliza” a pessoa que o produz, tornando-a inalcançável e imparcial. Kilomba propõe (metalinguisticamente) a inversão da fórmula sujeito (conhecedor, detentor de poder) x objeto (tema, sobre quem o sujeito fala), pois aqui e agora uma mulher negra – vista como objeto pelo olhar ‘científico’, isto é, cisheterobranco e eurocentrado – é a sujeita que escreve, que fala e produz conhecimento sobre si e sobre a sociedade que a cerca. Com este gesto, Kilomba traz à tona perspectivas outrora silenciadas e é imprescindível notar que o uso da primeira pessoa, além de tornar a leitura mais fluida e é o exercício da própria teoria negra feminista, isto é, agora teoriza-se a partir da própria experiência e produz-se conhecimento a partir do próprio corpo e subjetividade.

O notável é que a voz em primeira pessoa, com a qual grande parte das leitoras no Brasil pode se identificar, coloca em palavras simples

e diretas não apenas a experiência individual ou coletiva de mulheres negras, mas também revela como a psique e estruturas de conhecimento brancas funcionam e este é um ponto crucial da obra. Kilomba, na esteira de Fanon (1968) e bell hooks (1992), demonstra como as operações do olhar branco sobre sujeitos negros projetam imagens racializadas de fora para dentro, moldando como a sociedade em geral vê pessoas negras, mas também como nós pessoas negras somos condicionadas a nos vermos. A autora, no entanto, vai mais fundo na psique branca, demonstrando psicanaliticamente como ideias coloniais ainda a constituem. Como prova desse argumento, Kilomba escrutiniza as metáforas, as piadas, os comentários de diversas pessoas brancas diante de mulheres negras, expondo um padrão histórico, colonial e racista em todas as interações.

No primeiro capítulo *A Máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização*, a autora traz o impactante rosto de uma mulher negra escravizada com a máscara de Flandres. Esta imagem de Anastácia ilustra contundentemente a discussão fanoniana (2008) que Kilomba atualiza no primeiro e segundo capítulos, a partir de uma perspectiva histórica, negra feminista e psicanalítica, como sobre o olhar branco sobre pessoas negras, levantando questionamentos sobre o processo secular de silenciamento e sobre os motivos pelos quais a boca da pessoa escravizada, portanto, negra, deve ser mantida fechada. A teórica avança perguntando o que a pessoa escravizada diria e, neste caso, o que o sujeito branco teria que ouvir? Para Kilomba (p.43), a máscara do silenciamento simboliza a continuidade do racismo e do colonialismo até hoje nos espaços de poder, “[...] recria[ndo] esse projeto de silenciamento e controla[ndo] a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os.”

No segundo capítulo *Quem pode falar?: falando no centro, descolonizando o conhecimento*, a autora dialoga com Gayatri C. Spivak (1995) acerca da possibilidade de fala (ou não) da subalterna. Kilomba (p.47) ressalta que Spivak afirmara que a subalterna não pode falar – na verdade, tem dificuldade de falar – “dentro do regime repressivo do colonialismo e racismo” e articula esta ideia afirmando que:

Não é que não tenhamos falado. O fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas como conhecimento inválido; ou então representadas por *brancos/as* que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nós e nossa cultura. (KILOMBA, 2019, p. 51).

Para demonstrar esse cenário silenciador, a autora descreve uma simples dinâmica que aplicava em suas turmas em universidades alemãs todo início de semestre. Ela perguntava quem sabia o que foi a Conferência de Berlim em 1884-85, quem foi a Rainha Nzinga e seu papel na luta contra a colonização europeia, quem escreveu *Pele Negra Máscaras Brancas* ou quem foi May Ayim. Era então nesse momento que estudantes negras e

negros, geralmente mais quietas/os e silentes respondiam com facilidade às perguntas, enquanto estudantes brancas e brancos emudeciam. A partir daí Kilomba (p.50) questiona: “Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê?” e conclui que o que a academia considera conhecimento está intrinsecamente ligado à relações de poder e autoridade racial.

O foco do terceiro capítulo “Dizendo o indizível: definindo o racismo”, é apresentar como o racismo e seus efeitos são violentamente apagados. A autora chama atenção para o fato do racismo ser construído como algo distante da realidade ou estático como uma ideologia do passado. Esse capítulo é fundamental para compreendermos o racismo estrutural, institucional e cotidiano enquanto ferramentas utilizadas pelo colonizador que negligencia as feridas psíquicas consequentes do racismo em nós pessoas negras. Aqui, a autora apresenta a noção de “racismo cotidiano” e explica:

O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim, uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (KILOMBA, 2019, p.80).

Essa noção da experiência negra desmantela ideias de que o racismo é algo pontual, excepcional, e que existe na sociedade, trazendo-o para uma dimensão cotidiana e íntima, isto é, ele está nos detalhes das relações “no vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares”. (KILOMBA, p.78). Nesse sentido, ela entrevista mulheres negras alemãs e uma mulher negra estadunidense que vive na Alemanha. Nos depoimentos de todas as mulheres, Kilomba detecta experiências atravessadas por situações de racismo genderizado cotidiano, muitas vezes constituinte de relações íntimas.

O quarto capítulo “Racismo genderizado: você gostaria de limpar nossa casa?” – conectando “raça” e gênero”, a autora demonstra – a partir de um episódio ocorrido com ela, ainda menina em um consultório de um médico branco em Portugal - como a diferença racial e a diferença de gênero incidem nas vidas de meninas e mulheres negras.

Nesse cenário a menina não é vista como uma criança, mas sim como uma servente. O homem transformou nossa relação médico/paciente em uma relação senhor/servente: de paciente me tornei a servente negra, assim como ele passou de médico a um senhor *branco* simbólico, [...]” (KILOMBA, 2019, p. 93).

A autora então destaca o fato de que a identidade racial autorizou o homem branco a fazer uma proposta que jamais seria direcionada a uma paciente branca, “esse encontro revela como raça e gênero são inseparáveis”. (KILOMBA, 2019, p. 94). E é nessa perspectiva que ela afronta o feminismo

ocidental que geralmente não inclui raça em suas análises do patriarcado e da opressão das mulheres. Historicamente, mulheres brancas mantêm relações de servidão com mulheres negras. A relação contemporânea “patroa/empregada” revela como a racialidade condiciona as mulheres negras à subalternidade em relação àquelas que clamam ser suas iguais de acordo com seus discursos feministas de sororidade e união entre mulheres. Desta forma, a idéia da sororidade feminista possui um limite racial por manter historicamente privilégios das mulheres brancas.

Nos demais capítulos, (5 ao 13) Kilomba analisa trechos das entrevistas feitas por ela à mulheres negras da diáspora (Alemanha e EUA) como situações exemplares nas quais mulheres negras são afetadas pelo racismo cotidianamente. A teórica nomeia os seguintes capítulos destacando as políticas que envolvem cada aspecto da vida negra. O corpo, a história, a subjetividade, a espacialidade, a temporalidade, a linguagem, a representação, a morte etc são aspectos políticos que afetam a vida negra cotidianamente. Nos últimos capítulos a autora dá destaque à “cura e transformação” (cap. 13), ressaltando a importância de mulheres negras quebrarem ciclos coloniais, “descolonizando o eu” (cap.14) e “tornando-se sujeitas”.

A tradução e publicação desta obra de Grada Kilomba no Brasil contribui significativamente para os Estudos da Diáspora Africana. A existência e a luta de mulheres negras na Alemanha ainda são vistas, muitas vezes, com surpresa e perplexidade no Brasil: (Como alemã se negra?). Precisamos urgentemente descolonizar a ideia de que a Europa foi, é e será um continente branco para enfim entendermos que nossa história, nossos rastros, nossas culturas e nossas vidas são maiores do que línguas, identidades e territórios nacionais, e portanto, coloniais.

A tradução proporciona o encurtamento de lacunas linguísticas, trazendo para o português do Brasil experiências íntimas de mulheres negras europeias que se parecem muito com as nossas. Mas é preciso não esquecer que tanto a autora quanto as entrevistadas estão na Europa e que existem diferenças que nos implicam. É preciso como disse Audre Lorde, entender tais diferenças, e agir criativamente diante delas, para que todas nós nos libertemos, inclusive do que nos isola.

Esta tradução é parte de nossas políticas negras transnacionais. Audre Lorde no prefácio de *Farbe Bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*¹ (1986), livro resultado de encontros de mulheres negras alemãs entre si e com a poeta estadunidense, declara:

Este livro vem para nos lembrar, mulheres afroestadunidenses, que nós não estamos sozinhas em nossa situação no mundo. Na atual conjuntura internacional, conexões vitais e diferenças existem e pre-

¹ [Mostrando Cor-agem: mulheres afro-alemãs no rastro de suas histórias] ainda sem tradução para o português.

cisam ser examinadas entre mulheres afroeuropéias, afro-asiáticas e afro-americanas, bem como entre nós e nossas irmãs africanas. Os primeiros passos para examinar tais conexões são identificar a nós mesmas, reconhecer-nos entre nós e escutar cuidadosamente nossas vozes. (LORDE, 1986, p. 15 - tradução nossa).

Neste contexto, a publicação desta tradução assinada por uma pesquisadora negra e lésbica é uma ocasião para nós, mulheres negras, no Brasil lembrarmos que não estamos sós. Que podemos e devemos dialogar, discordar e nos inspirar em outras mulheres negras da diáspora. A própria autora relata na carta à edição brasileira a importância de sua ida a Berlim para a escrita de *Memórias da Plantação*, pois essa mudança lhe proporcionou encontros com o pensamento e rastros de outras intelectuais negras como Audre Lorde, Angela Davis e May Ayim, entre outras e outros como W. E. B Du Bois - que também viveu em Berlim.

Traduzir a Diáspora Africana (e em línguas coloniais) é tarefa complexa, profunda, mas, sobretudo, necessária. Por isso, entendemos esta tradução também como uma ação de combate à invisibilização de intelectuais negras: escritoras e também tradutoras. *Memórias da Plantação* foi escrito e lançado em inglês na Alemanha. Levando anos para ser traduzido à língua portuguesa (língua da autora). Este fato, diz muito sobre (tentativas de) silenciamentos e a importância da difusão de conhecimento negro através de uma tradução também negra. Tradução que, assim como a escrita, desafia a gramática e seus masculinos universais que nos fazem desaparecer textualmente, gramáticas que não reconhecem que somos *sujeitas*. O colonialismo e a colonialidade vivem nas gramáticas das línguas coloniais. Elas precisam, portanto, ser contorcidas, como o próprio pensamento ocidental.

Memórias da Plantação é um livro que nos faz recordar e entender traumas causados pelo racismo e sexismo. Portanto, é sobre branquitude. Mais uma vez, uma autora negra escrutina o racismo (sistema) e os/as racistas (pessoas brancas – a supremacia branca). Segundo Grada Kilomba (2016), “o racismo é uma problemática branca” e compreender os efeitos psíquicos do racismo e das ações naturalizadas no Brasil, cuja branquitude mal se reconhece como tal, sobretudo quando fraudas as políticas de cotas raciais em universidades e concursos públicos é um passo político de enfrentamento a uma estrutura criada a favor das pessoas brancas. Para nós, pessoas negras, fica a tarefa de pensar (lembrar) estratégias para a descolonização e para nossa liberdade sem nos perdermos em análises profundas de branquitudes que não produzem autocrítica. Afrocentrar, aquilombar e reconectar nossos conhecimentos negros do continente africano e de sua diáspora devem ser nossa prioridade epistemológica.

Referências

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Negras*. Trad. Renato da Silveira. Editora da UFBA: Salvador, 2008 [1968].

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019 [2008].

KILOMBA, G. "O racismo é uma problemática branca" diz Grada Kilomba. [Entrevista concedida a Djamila Ribeiro]. *Carta Capital*. 30 de março de 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problematica-branca201d-uma-conversa-com-gradakilomba/>. Acesso em: 25 maio 2020.

LORDE, A. *Gefährtinnen, ich grüße euch*. In: OGUNTOYE, A., SCHULTZ (orgs.). *Farbe Bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*. Berlin: Orlanda Verlag, 1986.

HOOKS, b. *Intelectuais negras*. Tradução de Marcos Santarrita. In: *Revista Estudos Feministas*, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 25 maio 2020.

HOOKS, b. *Olhares Negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante. 2019 [1992].

PIEIDADE, V. *A Cor da Faxina no Brasil*, 2017. Disponível em: <http://www.justicadesaia.com.br/a-cor-da-faxina-no-brasil/>. Acesso em: 25 maio 2020.

DOI: 10.12957/rep.2020.52022



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.